



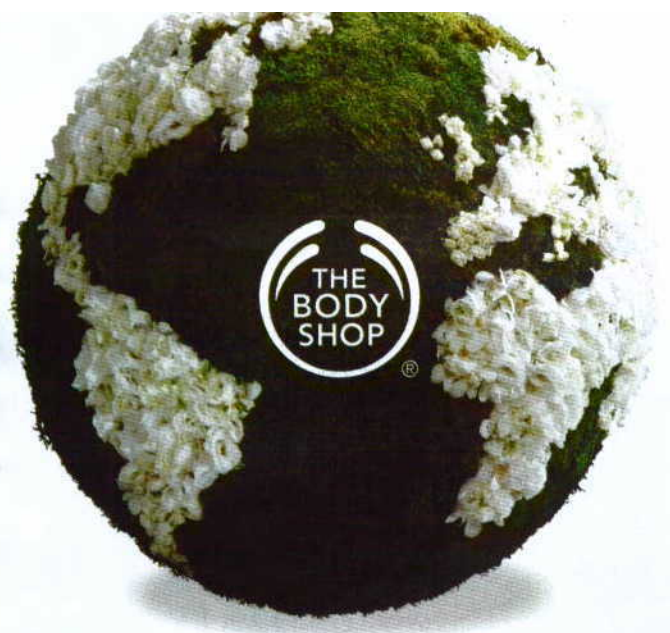
RECORTES DE IMPRENSA

JULHO 2012



COM O APOIO:





The Body Shop entrega donativo à APAV

A The Body Shop entregou um donativo de mais de 42 mil euros ao Gabinete de Apoio à Vítima do Porto. Este contributo insere-se no reconhecimento da The Body Shop no trabalho desenvolvido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), nomeadamente no apoio às vítimas de crime, às suas famílias e amigos. A parceria entre a The Body Shop e a APAV remonta a 2009. Sandra Costa, Relações Públicas da The Body Shop, acredita que este donativo vai ser importante para o regular funcionamento do Gabinete do Porto, salientando que a "empresa procurou aliar-se a instituições com créditos firmados nesta área, tendo a escolha recaído a nível internacional sobre a ECPAT Internacional e a nível nacional sobre a APAV".

ARTICULAÇÃO...

Atualmente ouvimos, falamos, pensamos e discutimos muito a importância da articulação entre ciclos de ensino... acusam-nos e acusamos... temos dificuldade em sair do nosso "ninho" para entender o "ninho" do vizinho... mas a proximidade e as dificuldades são comuns...

Colocam-se frequentemente as questões:

Será a educação pré-escolar a articular com o 1º ciclo? Será o 1º ciclo a articular com o pré-escolar? E os outros ciclos?

Num momento em que se concluiu o processo de agregação de escolas, para o próximo ano letivo, há que repensar novas práticas pedagógicas. Apesar de todos os constrangimentos que esta nova realidade possa trazer, porque não rentabilizar toda a diversidade de conhecimentos e construir um projeto de ensino onde as partes se complementem?

A articulação curricular não é mais do que uma forma de tornar mais eficiente o processo educativo, tendo por base um trabalho cooperativo e de sequencialidade.

Estabelecer a articulação e promover a continuidade pressupõe que os professores programem conjuntamente o currículo, desenvolvam atividades conjuntas e estabeleçam comunicação (formal ou informal), tanto no que diz respeito ao desempenho das crianças como às metodologias e estratégias de ação, tendo sempre presente o projeto educativo do agrupamento.

BRINCAR, APRENDER E CRESCER EM CONJUNTO...

Ana Cristina Cunha – Coordenadora do departamento do 1º ciclo
Nazaré Gonçalves – Adjunta da Diretora

Clube de Teatro da Apav

No dia 5 de junho foi uma assistência curiosa e de diversas idades que teve oportunidade de assistir ao



primeiro trabalho desenvolvido pelo Clube de Teatro do Gabinete de Apoio à Vítima de Albufeira da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, um projeto iniciado em janeiro do corrente ano por iniciativa do gestor do referido gabinete, Dr. Mário Brito José, integrado no estágio de mestrado de Psicologia Criminal da Dr.ª Rute Rísio e sob a coordenação da



encenadora Maria de Jesus Magalhães. Segundo o gestor do gabinete da Apav, esta iniciativa tem como objetivo trabalhar através da expressão dramática temas referentes

aos processos de vitimação, como a violência doméstica, bullying, violências nos idosos, entre outros, que posteriormente serão apresentados junto da comunidade como forma de sensibilizar para a promoção dos comportamentos não violentos.

Os alunos das turmas do 10º D e do 11º B da EBSA, para além de assistirem ao trabalho desenvolvido pelo clube de teatro tiveram também a possibilidade de conviver numa troca de experiências enriquecedora com elementos da Universidade



de da Terceira Idade, convidados para o evento, num apetitoso lanche oferecido pela Escola.

Prof. Guilherme Proença



Meteorologia

Pesquisa



Emprego



Imobiliário

Login | Connect

Comunidade | Institucional

[Início](#) [Opinião](#) [Política](#) [Sociedade](#) [Economia](#) [Internacional](#) [Cultura](#) [Desporto](#) [Tecnologia](#)

Portugal teve segundo maior aumento da diferença salarial entre homens e mulheres

A diferença salarial entre homens e mulheres aumentou 3,6% em Portugal entre 2008 e 2010, o segundo maior aumento nos 27 países da União Europeia, revela o relatório anual da Agência da UE para os Direitos Fundamentais (FRA).

O documento, que é hoje apresentado ao Parlamento Europeu, revela que a diferença salarial entre homens e mulheres diminuiu um por cento na União Europeia entre 2008 e 2010, mas as mulheres ainda recebem em média menos 16,4% do que os homens.

As menores diferenças encontram-se na Eslovénia (4,4%), Itália (5,5%) e Malta (6,1%), enquanto as maiores disparidades estão na Áustria (25,5%), República Checa (25,5%) e na Alemanha (23,1%).

Em Portugal, a diferença ronda os 13%, o que coloca o país em oitavo lugar dos mais igualitários, mas a evolução entre 2008 e 2010 não foi para melhor.

Entre os 27 Estados-membros, apenas sete registaram aumentos da diferença salarial e os piores foram a Letónia (4,2%), Portugal (3,6%), a Roménia (3,5%) e a Bulgária (2,1%).

Dos 15 países que registaram reduções da diferença salarial, os melhores foram a Lituânia (-7%), a Eslovénia (-4,1%), Malta (-2,5%) e o Reino Unido.

Segundo o relatório anual da FRA, que analisa a situação dos direitos fundamentais na União Europeia a quatro níveis - liberdades, igualdade, direitos dos cidadãos e justiça -, Portugal foi, em 2011, o oitavo país com mais violações do direito de acesso à justiça, registando 27 julgamentos em que o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH) identificou pelo menos uma dessas violações.

Quase metade (13) desses 27 casos tem a ver com a duração excessiva do processo, um problema que, segundo disse à Lusa o director da FRA, afecta muitos outros países europeus.

«Mas também sei, depois de visitar Portugal [na semana passada], que a ministra da Justiça tomou medidas sérias para lidar com este assunto», disse Morten Kjaerum.

Outra área em que Portugal surge mal classificado pelo relatório é o da recolha de dados sobre crimes racistas, já que o país está entre os 10 países com «informação limitada», ou seja, onde a recolha de dados é limitada a poucos incidentes e não é geralmente publicada.

Nos países mais bem classificados - Finlândia, Holanda, Suécia e Reino Unido - as autoridades registam as motivações dos crimes racistas, as características das vítimas e dos agressores, que tipo de crime foi cometido, além de que os dados são divulgados publicamente.

Mas Portugal não surge apenas como mau exemplo no relatório anual da FRA, que cita, como exemplo de boas práticas, o IV Plano Nacional contra a Violência Doméstica por considerar que os cidadãos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais) merecem «especial atenção» e requerem «uma intervenção específica e inovadora».

Também o IV Plano Nacional para a Igualdade, Género, Cidadania e não Discriminação é elogiado por identificar a «orientação sexual e a identidade de género» como um domínio estratégico, definindo medidas de sensibilização dirigidas para o público em geral e também para profissionais como os políticos, funcionários públicos, profissionais de saúde, educação e assistentes sociais, entre outros.

O relatório recorda ainda a legislação adoptada no ano passado pelas autoridades portuguesas para facilitar o procedimento de mudança de sexo e de nome próprio no registo civil.

Outro exemplo português destacado como boas práticas no relatório da FRA é a campanha 'May I Help You', da Associação de Apoio à Vítima, que visa informar e apoiar turistas vítimas de crime ou violência no país.

Lusa/SOL



Conferências sobre violência doméstica

Pelo segundo ano consecutivo, a Delegação da Cruz Vermelha Portuguesa de S. João da Madeira através do Centro de Atendimento Para Vítimas de Violência Doméstica encontra-se a organizar o II Ciclo de Conferências sobre Violência Doméstica. A iniciativa, marcada para 9 de novembro, pretende assinalar o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Doméstica.

De acordo com um comunicado da Cruz Vermelha, o encontro visa a apresentação e debate de diferentes temáticas relacionadas com violência doméstica, assim como a promoção da reflexão sobre o tema.

Destina-se, essencialmente, a estudantes e profissionais das mais diversas áreas científicas que evidenciem

afinidade com os temas propostos, bem como à comunidade civil.

As conferências realizam-se no auditório do Museu da Chapelaria e as inscrições já podem ser feitas através do 256 099 340 ou e-mail dsmcyp@gmail.com.

O ciclo é organizado por uma comissão científica composta pelas universidades do Minho e Aveiro, União de Mulheres Alternativa e Resposta, Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, Mulher Século XXI - Associação de Desenvolvimento de Apoio às Mulheres, Instituto Superior Miguel Torga/Centro de Acção Social de Covão do Lobo, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género e Cruz Vermelha Portuguesa - Delegação de S. João da Madeira.

DR





Violência contra idosos dispara nos Açores

APAV Os casos de violência contra idosos aumentaram 40% entre 2010 e 2011 nos Açores, segundo a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

O número de processos de idosos vítimas de violência passou de 25 em 2010 para 35 em 2011, sendo a maioria assinalada no concelho de Ponta Delgada, na ilha de São Miguel. As situações registadas apontam para crimes contra o património, violência doméstica e negligência por parte dos cuidadores. "Não só aumentou o núme-

ro de apoios como também o tipo de crime cometido e o tipo de ajuda pedido", explica a gestora de gabinete da APAV, Sílvia Branco.

Ainda assim, a responsável da APAV Açores, Helena Costa, acredita que os números são apenas a "ponta do iceberg", porque há muitos idosos que não denunciam a sua situação por estarem dependentes dos cuidados do agressor – que pode ser o filho –, o que os inibe de fazer queixa.

O que está a acontecer também nesta altura de crise é que várias

famílias estão a voltar para a casa dos pais idosos, devido ao desemprego e à menor capacidade financeira, o que cria problemas a estes últimos, inclusive ao nível de conflitos domésticos e apropriação dos seus bens. "Temos núcleos familiares a deslocarem-se para casa dos idosos e a dependerem financeiramente deles, das suas reformas, dos bens que possam ter como terrenos, casas, e estamos a aperceber-nos de que há crimes contra o património por parte dos próprios filhos", denuncia Helena Costa. Aliás, grande parte dos processos ligados à terceira idade que a APAV acompanha relacionam-se com o património.

PAULO FAUSTINO, Ponta Delgada



Cartão Solidário apoia novas instituições

A terceira edição do Cartão Solidário, um cartão dois em um que ajuda os cidadãos a pouparem nas suas compras e a contribuírem, em simultâneo, para angariar fundos para várias causas, vai apoiar projetos de cinco instituições nacionais de apoio a crianças e idosos com necessidades especiais, abrangendo as áreas de saúde, educação, pobreza e exclusão social. As instituições que serão apoiadas são a CrescerSer, a Terra dos Sonhos, o Sorriso Solidário, a APAV e o Coração Amarelo. Sempre que o titular apresenta o seu Cartão Solidário na rede de marcas aderentes, usufrui de um desconto imediato e gera um donativo para as instituições beneficiárias, que é entregue pelas mais de 50 marcas solidárias que se associaram a este projeto. Este cartão é uma iniciativa da Sorriso Solidário e foi criado com o objetivo de apoiar diversos projetos sociais, de forma contínua e sustentável. Nas suas duas primeiras edições, o Cartão Solidário conseguiu angariar mais de 225.000 euros, que apoiaram oito instituições de solidariedade social: Acreditar, APAV, Humanitas, Liga Portuguesa Contra a Sida, Fundação do Gil, Novo Futuro, Raríssimas e Associação Sol.

**PESQUISAR**[NA RUA](#)[GIGS](#)[MÚSICA](#)[CINEMA](#)[MODA&LIFESTYLE](#)[ARTES](#)[GALERIA](#)[SPOTS](#)

FAST FOOD

1



FLUME | ESPAÇO APAV & CULTURA | 19 JULHO

No próximo dia 19 de Julho, quinta-feira, o Espaço APAV & Cultura acolhe um concerto ao fim da tarde, com [Flume](#). Este espectáculo tem início pelas 19h00, nas instalações de sede da APAV, na Rua José Estêvão 135-A (ao Jardim Constantino), em Lisboa.

Flume é um projecto de Joana Barra Vaz, que apresenta canções originais de cariz folk. Nesta actuação no Espaço APAV & Cultura Joana irá revelar os temas que constituem o seu primeiro EP, "Passeio pelo Trilho", sob uma base de voz e guitarra. Este espectáculo tem entrada livre.

A TROMPA

A MÚSICA DOS PORTUGUESES

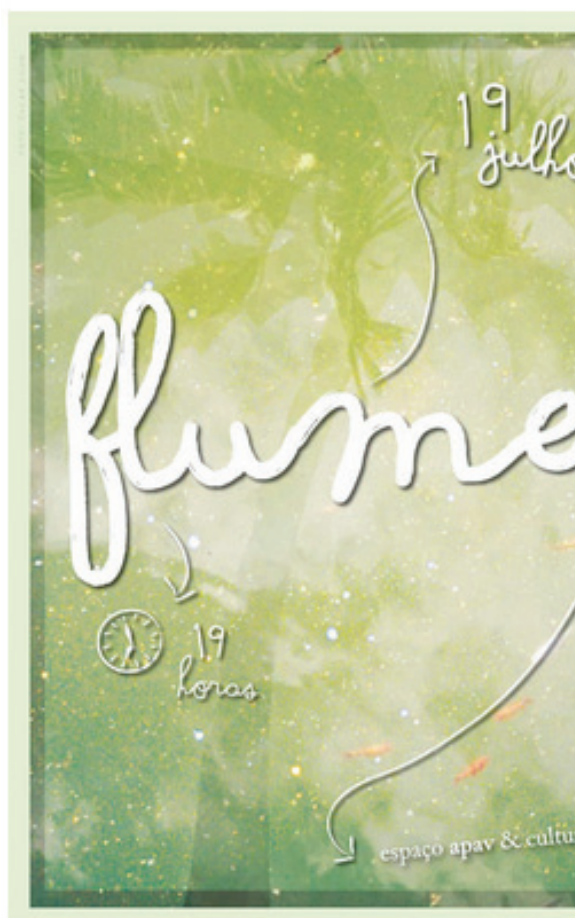


POR RUIDINIS

GIG

FLUME – ESPAÇO APAV & CULTURA – LISBOA 19/JUL/12

Publicado em 14 Julho, 2012



Dados do Evento

- Artista: **Flume**
- Data: Quinta-feira, 19 Julho 2012
- Hora: 19:00
- Cidade: Lisboa
- Local: **Espaço APAV & Cultura**
- Morada: **Rua José Estêvão 135-A**
- País: PT
- [Add to Google Calendar](#) | [Download iCal](#)



Flume mostram EP “Passeio pelo trilho”

CONCERTOS Os Flume apresentam o EP “Passeio pelo trilho” em vários concertos. Assim, hoje, às 19 horas, atuam no Espaço APAV & Cultura, em Lisboa; amanhã, às 22, na Fnac Cascais; no sábado, às 18, na Fnac Colombo, em Lisboa, e a 26, às 22 horas, na Fnac Almada.

UNIVERSIDADE

Apoio à Comunidade
Associação Académica da
Universidade de Évora
Honoris Causa
Fundação Luís de Molina
Rede Regional de Ciência e
Tecnologia
Serviços de Acção Social
Divulgações Externas



Divulgações Externas

Seminário: "Rights of Victims: a step forward"

De 27.09.2012 a 28.09.2012
Hotel Olissipo Oriente, Lisboa

Todos os anos, 75 milhões de pessoas são vítimas de crime na União Europeia (UE) e 15% da população Europeia é anualmente vítima directa de criminalidade violenta.

Estes números deveriam por si só colocar as necessidades das vítimas como prioridade das políticas Europeias e de cada um dos Estados Membro. A mais recente legislação Europeia espelha esta perspectiva. Irão os Estados Membro responder em conformidade? Quais os novos desafios que se apresentam às instituições e organizações nacionais? Quais as questões-chave que estão em causa? O que é que as vítimas realmente necessitam?

Estas e muitas mais questões serão abordadas neste Seminário que se irá focar principalmente:

- nos novos desafios para as instituições de justiça criminal e organizações de apoio à vítima;
- na frágil situação das vítimas transnacionais; - partilha de boas-práticas.

O Seminário Direitos das Vítimas terá lugar em Lisboa, nos dias 27 e 28 de Setembro, no Hotel Olissipo Oriente.


Este evento é organizado no âmbito do Projecto CABVIS – Capacity Building for EU Crime Victims (2011-2012). Promovido pelo Victim Support Europe, gerido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e co-financiado pela Comissão Europeia ao abrigo do Programa Justiça Criminal – Direcção-Geral da Justiça, em parceria com Victim Support Scotland, Slachtofferhulp Nederland, Weisser Ring Deutschland and Victim Support England & Wales.


Organização: Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
Página: <http://www.apav.pt/cabvis>

Diz comissário do Conselho da Europa

Crianças portuguesas estão a emigrar para trabalhar

10.07.2012 - 15:31 Por Lusa

Votar ★★★★★ | 11 votos ★★★★★  2

 Gosto 624

11 de 23 notícias em Sociedade

« anterior

seguinte »

O comissário do Conselho da Europa para os direitos humanos alertou hoje que há crianças portuguesas a emigrar para trabalhar por causa da crise e famílias a retirar idosos das instituições para beneficiar das suas reformas.



Os alertas do comissário Nils Muiznieks surgem num relatório que resulta de uma visita a Portugal ()

Os alertas do comissário Nils Muiznieks surgem num relatório que resulta de uma visita a Portugal, entre 7 e 9 de Maio, durante a qual se debruçou sobre o impacto da crise e das medidas de austeridade sobre os direitos humanos.

"Durante a sua visita, o comissário foi informado de que, desde o início da crise, tem havido casos de crianças a migrar por motivos de trabalho para outros estados-membros da UE", pode ler-se no relatório de 18 páginas.

O documento acrescenta, citando especialistas, organizações da sociedade civil e sindicatos ouvidos pelo comissário, que "a crise financeira, o aumento do desemprego e a diminuição das fontes de rendimento das famílias devido às medidas de austeridade levaram as famílias a fazer novamente uso do trabalho infantil, nomeadamente no sector informal e na agricultura".

Recordando que o país já regista uma elevada taxa de abandono escolar, o comissário apela às autoridades portuguesas que monitorizem a evolução deste problema e que não descontinuem programas que visam prevenir o trabalho infantil.

O responsável refere, por exemplo, ao Programa Integrado de Educação e Formação, que visa prevenir o trabalho infantil, alertando ter sabido, durante a sua visita, de que este "poderá ser descontinuado".

Nils Muiznieks manifesta também preocupação com relatos de que a pobreza infantil está a aumentar em Portugal, como consequência do aumento do desemprego e das medidas de austeridade, nomeadamente os cortes nos abonos de família.

O comissário teme que as medidas de austeridade dos últimos dois anos ameacem seriamente as melhorias alcançadas na última década e apela às autoridades que tomem particular atenção ao possível impacto da crise no trabalho infantil e na violência doméstica contra as crianças.

Isto porque "uma situação socioeconómica cada vez mais difícil para as famílias, que são sujeitas a elevados níveis de 'stress' e pressão, pode resultar em sérios riscos de violência doméstica contra as crianças".

O risco de violência doméstica afecta também os idosos, alerta o responsável, que diz ter tido conhecimento de que muitos casos de violação dos direitos humanos, incluindo violência, "resultam de famílias que estão a retirar os idosos das instituições e a levá-los para casa para poderem beneficiar das suas pensões.

"Interlocutores do comissário que trabalham com idosos relataram um aumento dos casos de extorsão, maus-tratos e, por vezes, negligência depois de idosos com problemas de saúde serem retirados das instituições", especifica o texto, que cita números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima que atestam um aumento de 158% no número de casos de violência contra idosos entre 2000 e 2011.

Crianças portuguesas estão a emigrar para trabalhar

Publicado em 2012-07-10



638 people like this. Be the first of your friends.



411



6



4



+1

Nils Muiznieks manifesta também preocupação com relatos de que a pobreza infantil está a aumentar em Portugal, como consequência do aumento do desemprego e das medidas de austeridade, nomeadamente os cortes nos abonos de família.

O comissário teme que as medidas de austeridade dos últimos dois anos ameacem seriamente as melhorias alcançadas na última década e apela às autoridades que tomem particular atenção ao possível impacto da crise no trabalho infantil e na violência doméstica contra as crianças.

Isto porque "uma situação socioeconómica cada vez mais difícil para as famílias, que são sujeitas a elevados níveis de 'stress' e pressão, pode resultar em sérios riscos de violência doméstica contra as crianças".

O risco de violência doméstica afeta também os idosos, alerta o responsável, que diz ter tido conhecimento de que muitos casos de violação dos direitos humanos, incluindo violência, "resultam de famílias que estão a retirar os idosos das instituições e a levá-los para casa para poderem beneficiar das suas pensões.

"Interlocutores do comissário que trabalham com idosos relataram um aumento dos casos de extorsão, maus-tratos e por vezes negligência depois de idosos com problemas de saúde serem retirados das instituições", especifica o texto, que cita números da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima que atestam um aumento de 158% no número de casos de violência contra idosos entre 2000 e 2011.



Paco Bandeira condenado por violência doméstica

Tribunal aplicou-lhe pena suspensa de três anos e quatro meses de prisão e confirma posse de arma proibida.

Augusto Freitas de Sousa
augusto.f.sousa@jn.pt

A **JUÍZA** Anabela Cardoso considerou os atos de Paco Bandeira de "elevada censurabilidade" e com "um grau de ilicitude elevado", mas suspendeu a pena de prisão de três anos e quatro meses, pelo mesmo tempo, uma vez que o cantor não tinha antecedentes criminais. Entende que o castigo aplicado será suficiente para o demover deste tipo de comportamentos.

No resumo do acórdão lido no tribunal, o depoimento da ex-mulher Maria Roseta e, essencialmente, as declarações da filha mais pequena foram decisivos para criar a convicção sobre a violência doméstica por que Paco Bandeira foi responsável durante os anos que esteve casado com Maria Roseta.

Quanto ao depoimento das duas filhas mais velhas do artista, o acórdão referiu que não ajudaram o tribunal, pelo que "os testemunhos mereceram a maior reserva".

Relativamente ao crime de maus tratos e devassa da vida privada, a sentença apontou para a falta de prova dos maus tratos, sustentada pela maioria das declarações em tribunal que sempre referiram que



CARLOS MANUEL MARTINS GLOBA IMAGENS

Paco Bandeira não quis comentar a condenação de três anos e quatro meses



"Dedico esta vitória à minha filha Constança. O respeito foi-me devolvido pelo tribunal".

Maria Roseta
Ex-mulher do cantor

NÚMEROS DA VIOLÊNCIA

27

Relatório Anual de Segurança Interna

Segundo este relatório referente a 2011, houve 27 homicídios conjugais.

30 mil por ano

Segundo a Associação de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), são mais de 30 mil as denúncias que chegam anualmente às autoridades policiais. Para a

associação, também neste contexto, "Portugal regista igualmente um número elevado de homicídios a que se somam tentativas de homicídio e sequelas graves para o resto da vida".

Um dos crimes mais participados em 2011

Segundo o Governo, a violência doméstica contra cônjuge ou análogos foi o 5º crime mais participado. Segundo a UMAR este crime público "vítima uma em cada 4 mulheres".

Paco Bandeira nunca teve intenção de magoar ou ameaçar a filha mais nova. Outra acusação que caiu por falta de prova foi a devassa da vida privada. O crime dizia respeito à instalação de um sistema de videovigilância na casa onde moravam mãe e filha.

Por último, relativamente às armas, Paco Bandeira foi condenado por não ter licença de um revólver e possuir em casa munições que não estavam legalmente autorizadas.

MARIA ROSETA AVANÇA COM UMA AÇÃO CÍVEL CONTRA O EX-MARIDO EM SETEMBRO DESTE ANO

O cantor entrou e saiu do Tribunal de Oeiras sem prestar qualquer declaração.

Já Maria Roseta, satisfeita com "a vitória", pediu a todas as mulheres que "exijam ser respeitadas pelos maridos dentro e fora de casa". A ex-mulher de Paco apelou ainda à alteração das medidas aplicadas nestes casos, "que obrigam as mulheres e filhos a saírem de casa, quando deveria ser o agressor a sair com vigilância eletrónica".

O advogado de Roseta, Pedro Sobral, confirmou que, em setembro, vão apresentar uma ação contra Paco Bandeira para divisão de usufruto, ou seja, para compra ou venda de uma das casas. ●



"A justiça cumpriu o seu designio!"

Elizabete Brasil
Directora da UMAR

Este caso é uma exceção?

Para a esmagadora maioria dos casos reportados, essa justiça não chegará. Um crime que se passa entre quatro paredes, sem testemunhas, sendo muitas das vezes as vítimas impedidas de recorrer a ajuda médica imediata.

A dificuldade é a prova?

As provas rareiam, os inquéritos são arquivados e, dos que terminam com acusação, a prova em sede de julgamento, muito tempo após a ocorrência do crime e sem que tenham sido usadas declarações para memória futura, determinam a absolvição de quem, cometendo um crime grave, conta com um sistema que lhe é favorável.

113 presos por violência doméstica

Tribunais. Apesar de as queixas serem aos milhares, há poucos casos a ir a julgamento e ainda menos condenações

ALFREDO TEIXEIRA

No ano passado, as autoridades policiais receberam um total de 23 742 queixas por violência doméstica. No mesmo ano, apenas 121 homens cumpriam pena pelo mesmo motivo. No primeiro trimestre deste ano, a Direção-Geral dos Serviços Prisionais refere que 113 pessoas estão a cumprir pena, três delas mulheres. Este é o crime que mais prevalece em Portugal, percorrendo as várias fachas etárias e os diferentes estratos sociais. A condenação, antontem, do cantor Paco Bandeira a 3 anos e 4 meses de prisão, pena suspensa, é mais um episódio desta vez com honras de mediatismo.

Nos últimos anos, o estigma em se denunciar este tipo de crime foi sendo ultrapassado. São mais as mulheres, mas também homens, que apresentam queixa às autoridades não suportando mais o ambiente de violência física e psicológica ocorrido entre quatro paredes. Por isso, casos como o de Paco Bandeira, que foi ainda condenado pelo Tribunal de Oeiras a pagar uma indemnização no valor de três mil euros à ex-companheira, Roseta Ferreira, acaba por ganhar dimensão por envolver uma figura conhecida do meio artístico.

Só no ano passado, das queixas recebidas pela APAV - Associação de Apoio à Vítima, 85% referiam-se a crimes de violência doméstica. Em 4421 situações, as vítimas queixam-se de violência física, em 5 231, de maus tratos psicológicos. Do relatório da associação constam também os 82 homicídios tentados e seis consumados. Mas o número de mulheres mortas foi muito maior. As autoridades contabilizaram 23 homicídios, numa média de duas mortes por mês.

A polícia chegou, ainda, cerca de 30 mil participações por ano, o que dá uma média de três denúncias por cada hora. Segundo um levantamento feito pelo Observatório de Mulheres Assassinas, em 2011 foram condenados 15 homens pelo homicídio das mulhe-

res. Quando a violência não resulta em morte, raramente o juiz opta por pena de prisão.

Neste momento, em Portugal, 66 homens estão sob vigilância com pulseira eletrónica, uma forma de os impedir de contactar com as vítimas. A grande maioria encontra-se nessa situação como medida de coação, por decisão tomada pelo juiz após o primeiro interrogatório. Desses 66, três cumprem uma pena suspensa e 13 têm a pulseira como pena acessória.

Ainda de acordo com dados da Direção-Geral dos Serviços Prisionais, 95 homens de nacionalidade portuguesa cumprem penas de prisão efetiva. Outros 14, mas de outras origens, estão também presos e o mesmo acontece com três mulheres. Todos estes condenados por violência doméstica têm idades acima dos 21 anos.

Para Carla Mansilha Branco, presidente da Associação Democrática de Defesa dos Interesses e da Igualdade das Mulheres (ADDIM), é "importante" que juizes apliquem penas como a proferida no julgamento do cantor Paco Bandeira. "Temos uma boa legislação, e bastante abrangente, mas o que falta é a sua aplicabilidade", acrescenta.

Carla Mansilha Branco considera contudo que "uma pena de prisão suspensa, aos olhos do agressor, não é compreendida como uma condenação, havendo o perigo de reincidência".

A presidente da ADDIM diz ainda que "é lamentável que haja cada vez mais queixas apresentadas, mais casos a chegar a julgamento, mas depois não haja condenações". Tudo porque "os juizes não estão ainda sensibilizados para esta problemática por tratar-se de um crime que está enraizado culturalmente". Carla Mansilha Branco recorda que as vítimas de violência doméstica "são mulheres e crianças que levam, muitas vezes, uma vida de anos de maus tratos físicos e psicológicos", acrescentando que pelo abrigo da instituição a que preside "passam histórias inenarráveis".



Na sexta-feira, Paco Bandeira foi condenado por violência doméstica

Aos 70 anos fartou-se de tantos maus tratos e fugiu de casa

VIOLÊNCIA Em setembro, faziam 50 anos de casados, mas Aurora não tem pena de não festejar a data com o marido. "Foram anos e anos de porrada, até que me cansei", diz ao DN. Nunca abandonou a casa por causa dos filhos, depois por causa dos netos. Nunca apresentou queixa. As nódoas negras, escondia-as. Para os olhos pisados arranjava sempre uma explicação. Até que, como diz, fartou-se.

Aurora, de 70 anos, fugiu de casa após mais uma sova, este ano. Depois de ir ao Centro de Saúde, foi às compras e, quando chegou a casa, o marido bateu-lhe.

"Deu-me com a cabeça na mesa umas quatro vezes, sempre a perguntar: Com quantos é que foste?", afirma. Fugiu sem saber para onde ir. A junta de freguesia arranhou-lhe um teto onde dormir.

Apresentou queixa e espera que o marido seja chamado a responder.

A violência deste casal começou ainda nos tempos de namoro. "Dava-me umas bofetadas", recorda Aurora, que na altura "pensava que aquilo era normal e que passava". Não passou, e as agressões tornaram-se mais violentas após o casamento, tanto em relação a ela como aos filhos. Afonso bebia.

"Mal ele metia a chave à porta as crianças, com o medo, urinavam-se pelas pernas abaixo", diz a mulher, que garante não ter saudades desse tempo. Num Natal chegou a derrubar e espezinhar a árvore. A ceia da consoda foi despejada pelo chão. "Tinha alturas que andava às meias horas debaixo dos pés dele", acrescenta. Eram bofetadas e murros e também pontapés. A.T.

3 PERGUNTAS A...

"A cadeia por si só não é a melhor solução"



JOÃO LÁZARO
Diretor executivo da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima)

A pena suspensa de prisão, como a que foi aplicada a Paco Bandeira, é adequada para o crime de violência doméstica?

Bem, eu não vou comentar a pena aplicada ao Paco Bandeira até porque a sua ex-companheira, Roseta Ferreira, assistente nesse processo, foi apoiada pela APAV. Mas a cadeia, por si só, não é a melhor solução, nestes casos.

Quer dizer que o agressor deve ser acompanhado?

Sem dúvida. Já começam a existir medidas como os agressores condenados serem obrigados a frequentar programas de reinserção social. Um dos objetivos é evitar a reincidência que é muito elevada no crime de violência doméstica.

A medida do afastamento do agressor de casa é muito ou pouco aplicada?

Já há alguns casos, mas em dimensão diminuta. O mesmo se passa com a aplicação da pulseira eletrónica ao agressor. R.C.

OUTROS CASOS

21 anos por matar a mulher por asfixia e profanar corpo

• O Tribunal de Paredes condenou, esta semana, a 21 anos de prisão, o homem acusado de homicídio da mulher e profanação do corpo. O coletivo considerou que José Fernando Mendes, atualmente com 42 anos, matou a mulher, de 34 anos, por asfixia, em novembro de 2007. A pena resultou do cúmulo jurídico pelos crimes de homicídio qualificado (18 anos), profanação de cadáver (10 meses), violência doméstica (três anos) e condução de veículo sem habilitação legal (sete meses).

Preso após tentar assassinar a mulher com um ferro

• O Tribunal de Sintra condenou, em abril, um homem a sete anos de prisão pelo crime de homicídio na forma tentada contra a sua mulher, em resultado de violência doméstica. Em 8 de maio de 2011, atacou e bateu com uma barra de ferro na cabeça da vítima, fazendo-a desfalecer. De seguida, o homem desferiu golpes no tórax com um furador de ferro. O agressor foi também condenado ao pagamento de 1071 euros relativos a despesas hospitalares por cuidados prestados à ofendida.

Agridida, fechada em casa e violada pelo agressor

• Um homem foi condenado, na passada quarta-feira, pelo Tribunal de Sintra, a cinco anos e meio de prisão efetiva por violência doméstica sobre a sua companheira e a filha menor desta. Agredia a companheira desde que ela se apercebeu dos seus consumos de droga. Ela tentou separar-se, mas o agressor manteve-a fechada à chave em casa enquanto trabalhava. A mulher foi várias vezes violada. A filha menor da vítima era também constantemente agredida.



ID: 42963585

25-07-2012

VIOÊNCIA DOMÉSTICA NO MASCULINO

Primeiro estudo forense caracteriza um fenómeno crescente de abus

12% DAS VÍTIMAS DE AG

Helena Norte
helenan@jn.pt

É a ponta de um iceberg que começa agora a revelar-se: 12% das vítimas de violência doméstica submetidas a perícias médico-legais são homens. O número dos que assumem ser agredidos fisicamente pelas mulheres está a aumentar, apesar da vergonha.

O primeiro estudo de natureza forense sobre o fenómeno da violência doméstica contra homens foi realizado na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto com dados da delegação do Norte do Instituto Nacional de Medicina Legal (INML). Dos 4.646 casos de agressões físicas perpetradas por parceiros íntimos entre 2007 e 2009, 12% das vítimas eram do sexo masculino.

Este número refere-se apenas a situações de violência física denunciadas às autoridades. A realidade da violência de género vivida no masculino é certamente muito mais expressiva, mas continua encoberta por um manto de vergonha e preconceito, na opinião de Teresa Magalhães, diretora do INML do Norte e coordenadora do estudo realizado no âmbito da tese de mestrado de Rute Carmo. As estatísticas mais atuais da criminalidade (Re-

latório Anual de Segurança Interna de 2011) referem, aliás, que os homens representam 18% das vítimas de violência doméstica, o que inclui também os maus-tratos psicológicos.

A grande maioria (82%) das vítimas referiu ser alvo de abusos prolongados por parte das esposas, companheiras ou namoradas e um terço do total recorreu ao hospital, não tanto porque a gravidade dos ferimentos obrigava a tratamento médico, mas para que as lesões ficassem documentadas, explica Teresa Magalhães.

Arranhar, esmurrar e atirar objetos afiados são as formas de agressão mais utilizadas pelas mulheres, de que resultaram maioritariamente lesões de baixa e média gravidade (escoriações). Há casos mortais, mas ainda não estão quantificados.

O tipo de lesões é geralmente consistente com o relato dos queixosos, mas, ainda assim, é muito difícil estabelecer o nexo de causalidade e produzir prova que conduza à condenação dos criminosos. Este problema, transversal ao fenómeno da violência doméstica, deriva da falta de testemunhas e resulta, na prática, na liberação dos responsáveis, explica Teresa Magalhães. Há, porém, exceções. Como quando os criminosos deixam algum tipo de vestígio biológico, como fluidos nos crimes sexuais, ou marcas que possam ser identificadas, como mordeduras.

Embora esta investigação (já publicada no Journal of Forensic and Legal Medicine) se tenha focado nas vítimas, foi possível apurar algumas informações sobre as agressoras. Um dado relevante é que 11% foram vítimas de abusos (psicológicos, físicos ou sexuais) em criança. "É muito importante prevenir a violência na infância, porque o risco de replicar o ciclo, seja como agressor seja como vítima, é muito elevado", sublinha a responsável do INML.●

LESÕES INDICIAM QUE ATAQUE PODE SER DEFESA

► **Localização é crucial**
Os homens apresentam mais lesões nos braços, enquanto as mulheres são mais agredidas na face e na cabeça. A diferença na localização das lesões dos homens poderá indicar que, nalguns casos, as agressões foram cometidas por mulheres que, ao defender-se de ataques masculinos, os atingiram nos braços, considera a diretora da delegação do Norte do Instituto Nacional de Medicina Legal. A queixa policial, apresentada pelo homem, insere-se nesta dinâmica de violência relacional, adianta Teresa Magalhães. Esta hipótese explicativa vai ser testada numa investigação a realizar em breve.

► **Denúncias mais rápidas**
Há cinco anos, as mulheres demoravam, em média, dez anos a denunciar a violência de que eram vítimas por parte dos maridos, companheiros ou namorados. E 14% consideravam normal sofrerem abusos. Atualmente, as vítimas queixam-se às

autoridades mais rapidamente (em média, oito anos depois de as agressões começarem) e apenas 1% encara com naturalidade a violência nas relações de conjugalidade. Estes dados – apurados em estudos realizados na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto – denotam mudanças no nível da auto percepção das mulheres enquanto vítimas.

AGRESSORA

38 anos
As suspeitas de agressão têm idades entre os 19 e os 81 anos (média 38).
Alcool
Em 9% dos casos, há abusos de álcool.
Perturbação mental
Há indícios de perturbação psicológica em 12% das agressoras.
Historial de violência
Em 11% das suspeitas, há registo de abusos na infância.

VÍTIMA

Casado
Em 64% dos casos, a agressora é esposa.
41 anos
As vítimas têm entre os 18 e os 89 anos (média 41).
Empregados
A maioria (87%) tem emprego.
Historial de violência
Um sexto das vítimas reportou abusos na infância e a maioria (82%) um passado de violência doméstica.

"O número de casos pode ser maior porque os homens tendem a esconder este tipo de vitimização"

Teresa Magalhães
Diretora da delegação do Norte do INML





os cometidos de forma prolongada por parte das companheiras

RESSÕES SÃO HOMENS



MAIS DETALHES

20

MIL AGRESSÕES

praticadas contra cônjuges ou companheiros/as (62% dos casos) em 2011, segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (IASI).

APAV regista mais de 15 mil casos

Em 2011, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 15724 factos criminosos relacionados com violência doméstica.

Há cada vez mais homens a pedir apoio

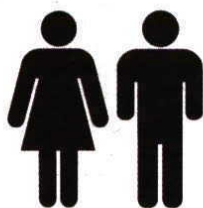
A grande maioria (83%) das vítimas que pede apoio à APAV é do sexo feminino, mas há cada vez mais homens a fazê-lo. Em 2011, foram 17%, o que representa um aumento de 56%.



50%

Mais agressoras

As autoridades policiais identificaram, em 2011, 4354 agressões praticadas por mulheres. Mais 72 do que em 2010.



SÃO CASADOS OU VIVEM MARITALMENTE

É a relação mais frequente entre vítimas e agressores, diz a APAV.

Vítimas pedem ajuda

Em 78% dos casos, a intervenção policial deveu-se a um pedido da vítima. Dos familiares ou vizinhos partiu a revelação de 8%, e 4% do conhecimento direto das forças de segurança. Os restantes foram denúncias.

33%

MAUS-TRATOS

psicológicos foram o crime mais denunciado, no ano passado, à APAV.

25

ANOS

é a idade a partir da qual se verificam mais vítimas (81%) de violência doméstica e agressores (94%), segundo o RASI.

Pedidos de ajuda aumentaram 56% em apenas um ano

APAV

O NÚMERO DE HOMENS a pedir ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) aumentou 56%: de 579 em 2010 para 904 em 2011. Queixam-se sobretudo de insultos, humilhações e ameaças, mais ou menos veiculadas e não concretizadas, mas ainda assim temíveis, como envenenamento.

Do total de casos de violência doméstica reportados no ano passado à APAV, 17% têm como vítimas homens que se queixam de mulheres com quem têm ou tiveram relações de intimidade. Apesar de haver algumas diferenças significativas – elas cometem mais abusos psicológicos do que físicos e raramente de

natureza sexual –, o fenómeno da violência doméstica tem características transversais aos géneros, explica Daniel Coutrim, assessor técnico da APAV. Tal como as mulheres, eles permanecem na relação de abuso por “dependência relacional”, porque acreditam que “sofrer faz parte do amor” e que elas vão melhorar. E as mulheres, tal como eles, também humilham, manipulam, controlam tudo (até o dinheiro) e destroem a autoestima. **M.N.**

MULHERES INSULTAM, HUMILHAM E AMEAÇAM ENVENENAR A COMIDA

Registadas 6200 ocorrências em 2011

RASI

NO ANO PASSADO, a PSP e a GNR registaram 6200 vítimas de violência doméstica do sexo masculino. Segundo o Relatório Anual de Segurança Interna (IASI), de 2011, o número é inferior ao de 2010 (6 283), mas representa 18% das vítimas.

As agressões ao sexo feminino foram 27 507, uma redução de 1744. Porém, o número de agressoras denunciadas aumentou: de 4282 para 4354. Enquanto que os homens desceram de 29 947 para 28 299.

O total de agressões reportadas foi 28 980, menos 2

255 do que em 2010, tendo as situações de violência doméstica aumentado nos distritos de Viseu, Guarda e Évora. A maior descida verificou-se em Aveiro, Leiria e Viana do Castelo. Os números das ocorrências e das vítimas não coincidem, alerta o relatório, porque em cada situação pode ter havido mais do que uma pessoa agredida.

Segundo o RASI, a violência contra o conjugue ou companheiro/a foi a que recebeu maior número de denúncias: 20 447. A que se seguiram as agressões a antigos companheiros/as ou aos cônjuges: 5 379. Em 2011, as autoridades investigaram 27 homicídios conjugais. **A.G.**

**VIOÊNCIA
DOMÉSTICA**



PORTO ■ JOSÉ CARLOS MORAIS, INDUSTRIAL REFORMADO, DISPAROU APÓS DISCUSSÃO

Vida de luxo esconde v

■ Maria Fernanda Barbosa, 76 anos, foi atingida por munição e madeira por não abrir a porta ao

● CATARINA GOMES SOUSA/
/TÂNIA LARANJO

São um casal rico, estão juntos há mais de 50 anos e vivem num prédio de uma das zonas mais exclusivas da cidade do Porto. Porém, a vida de luxo de Maria Fernanda Barbosa, de 76 anos, e

Agressor já tem antecedentes por violência doméstica

Crime ocorreu no prédio de luxo do casal

EDUARDO MARTINS



de José Carlos Moraes, de 80, escondia uma trágica realidade, só descoberta na madrugada de ontem. Quando a PSP chegou ao número 148 da rua Oliveira Monteiro, encontrou a mulher, vítima de violência doméstica, ferida e trancada em casa. Tinha acabado de ser atingida por estilhaços de munição e de madeira, após um tiro de caçadeira disparado pelo marido.

José Carlos, um industrial reformado, já está referenciado por agressões contra a companheira. Ontem, chegou a casa embriagado, cerca das 04h00. Por temer ser novamente agredida, Maria Fernanda não o deixou entrar. O casal de idosos envolveu-se assim numa violenta discussão, junto à entrada do luxuoso apartamento, que quase tirou a vida a Maria Fernanda.

Completamente transtornado, o homem não hesitou: foi buscar a arma e disparou contra a porta de casa. Do outro lado, os fragmentos de munição e de madeira atingiram a vítima, na zona do peito.

O alerta foi dado por vários vizinhos dos idosos, que se aperceberam do barulho provocado pelo disparo. Naquela rua, apenas um dos moradores viu o agressor ser levado pela PSP, cerca das 07h00. O idoso, que foi depois entregue à Polícia Judiciária do Porto, não soube explicar o crime. Contou que a discussão o levou a disparar a caçadeira, mas que apenas queria assustar a companheira. Negou querer matar a mulher com quem já passou mais de metade da vida. ■

2011 Violência doméstica

Perfil da vítima	15 724 crimes registados pela APAV
Mulher 80%	
Reside nas grandes cidades	7,7%
Portuguesa 90%	8,8%
Entre os 35 e 40 anos	5,6%
Com 65 ou mais anos	36,1%
Ensino Superior	41,7%
Casada	29,7%
Família nuclear com filhos	
Trabalha por conta de outrem	

Perfil do agressor	
Homem 78%	
Entre os 35 e 40 anos	7,3%
Casado/união de facto	38,2%
Sem grau de ensino, sabe ler e escrever	20,9%
Empregado	43,1%

Diferença do número de crimes em relação a 2010	
Maus tratos físicos	505
Maus tratos psíquicos	427
Homicídio tentado	55
Homicídio consumado	5

6937 vítimas do sexo feminino
Média: 133 por semana (19 por dia)

795 vítimas são crianças e jovens
Média: 15 por semana (2 por dia)

749 vítimas são idosos
Média: 14 por semana (2 por dia)

Fonte: Rel. Anual Estatísticas 2011 da APAV

CM



DISCURSO DIRECTO

MARGARIDA MEDINA Associação Mulheres contra a Violência

“Sociedade está mais atenta”

Correio da Manhã – A violência doméstica é normal entre um casal de idosos?
Margarida Medina – As agressões existem em qualquer idade, não são exclusivas de uma faixa etária. Porém, manifestam-se de forma diferente.



– O que leva as vítimas idosas a não procurarem ajuda?
– Na maioria dos casos, as mulheres são dependentes dos maridos, e com

80 anos nem sequer conseguem fazer planos de vida. Mas a sociedade está mais atenta.
– Trata-se de um casal abastado. É normal?
– A mulher pode, mesmo assim, não ser independente do marido. ■

AGRESSOR TEM LICENÇA DE ARMA

● A caçadeira que José Carlos Moraes utilizou para disparar contra a porta de casa está devidamente licenciada, ao que o ‘CM’ conseguiu apurar. O industrial, actualmente na reforma, também tem licença de uso e porte de arma por ter sido caçador durante vários anos.

VÍTIMA REFUGIA-SE DENTRO DE CASA

● Maria Fernanda Barbosa foi vítima de violência doméstica durante vários anos, e as autoridades já tinham o companheiro da mulher referenciado por vários crimes. Na madrugada de ontem, a idosa trancou-se dentro de casa para evitar ser novamente agredida.



TIC | OUVIDO POR JUIZ

José Carlos Morais vai ser presente hoje ao Tribunal de Instrução Criminal do Porto. Por se encontrar muito cansado, o idoso não foi ouvido ontem pelo juiz



PULSEIRA | 66 AGRESSORES

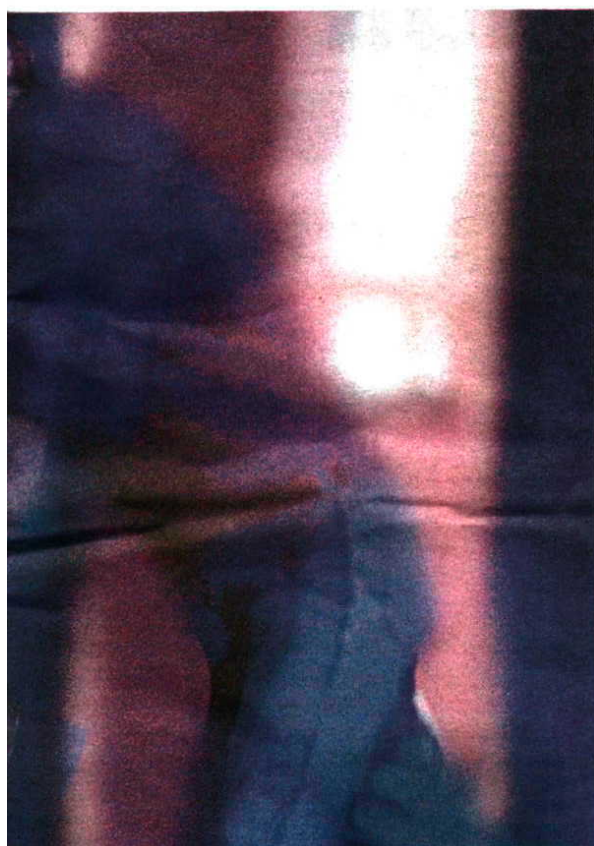
Até ao final de Fevereiro deste ano, em Portugal, 66 agressores por violência doméstica estavam a ser controlados por pulseira electrónica. São todos homens

RECORDE | VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

De acordo com dados da Procuradoria Distrital de Lisboa, que inclui 40 comarcas e as ilhas, a violência doméstica continua a ser o crime que dá origem a mais inquéritos

Violência

marido, agressor de 80 anos



+ PORMENORES

● **VIVEM SOZINHOS**

O casal de idosos vive num condomínio de luxo no centro da cidade do Porto, perto da Rotunda da Boavista.

● **PORTEIRO**

O condomínio fechado tem um porteiro que trabalha durante toda a noite. Porém, o funcionário que estava de serviço de madrugada só se apercebeu do crime quando viu os agentes da PSP.

● **HOSPITAL**

Maria Fernanda Barbosa deu entrada no Hospital de Santo António, no Porto, cerca das 05h00 e apresentava vários ferimentos no tórax. Teve alta duas horas depois.

Número de denúncias aumentou este ano

■ As denúncias de violência doméstica aumentaram no primeiro trimestre de 2012, bem como os principais fenómenos criminais. Segundo dados da Procuradoria Distrital de Lisboa, houve 2556 investigações relativas a crimes de violência doméstica – mais 38 casos do que os registados em igual período do ano passado.

Por mês, surgem 852 novos casos de violência doméstica, apenas no distrito judicial de Lisboa. Este é o crime que dá origem a mais processos, seguido de casos relacionados com droga e abusos de menores, que também têm vindo a aumentar. Esta tendência tem-se verificado nos últimos dois anos.



Procuradoria Distrital de Lisboa regista aumento de casos

Em 2010, a violência doméstica registou um total de 1932 inquéritos só nos primeiros três meses. Este número subiu para 2518 em 2011. ■

Sem explicação para o disparo

● José Carlos Morais foi ouvido pela PJ durante várias horas, mas nunca conseguiu explicar aos inspetores o que o levou a disparar a arma. Confessou o crime – está indiciado por ho-

micídio simples – mas admitiu que apenas queria assustar a mulher e não matá-la. O interrogatório teve de ser interrompido durante a tarde porque o idoso se mostrou exausto. ■



Agressor foi levado para a PJ do Porto



Quatro queixas de violência doméstica por hora apresentadas às forças de segurança

O Observatório de Mulheres Assassinadas registou em 2011 em Portugal o homicídio de 27 pessoas num contexto de conjugalidade e relações de intimidade, mas as queixas de violência doméstica apresentadas às autoridades são, em média, de quatro por hora. O observatório, que faz a contabilização das vítimas a partir das notícias da imprensa, conclui que, apesar de ter havido uma diminuição no número de homicídios identificados relativamente a 2010 (43), em mais de metade deles, e das tentativas registadas, «existia violência na relação e algumas das situações haviam mesmo sido reportadas às entidades competentes».

Constituído em 2004 como grupo de trabalho da UMAR - União de Mulheres

Alternativa e Resposta, o observatório revela que neste período 245 mulheres foram mortas por homens com quem tinham, ou tiveram, uma relação amorosa. Mas se juntar a esse número a violência intra-familiar, os assassinatos de mulheres sobem para 278.

Segundo o relatório de monitorização da violência doméstica da Direcção Geral da Administração Interna (DGAI), no primeiro semestre de 2011 foram registadas pelas forças de segurança 14.508 queixas, o que correspondeu a uma diminuição de 4,6 por cento relativamente ao período homólogo de 2010.

Em todo o ano de 2010 - segundo a DGAI - a violência doméstica constituiu a terceira tipologia criminal mais participada em Portugal (a

seguir a «outros furtos» e a «furto em veículo motorizado»), representando 7,3 por cento do total das participações à GNR, PSP e PJ. Nesse ano foram registadas 31.235 participações de violência doméstica pelas forças de segurança, correspondendo, em média, a 2.603 participações por mês, 86 por dia e a quatro por hora.

Quanto às 58 sentenças em processos-crime por violência doméstica comunicadas à DGAI no primeiro trimestre de 2011, 52 por cento foram absolvições e 48 por cento condenações, mas entre as penas aplicadas apenas seis por cento foram de prisão efectiva.

Segundo dados do Ministério da Justiça fornecidos aos investigadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que reali-

zaram o estudo "Trajectórias de Esperança: itinerários institucionais de mulheres vítimas de violência doméstica", a pena mais aplicada nestes casos continua a ser a pena de prisão suspensa simples (em 2000, esta pena representou 92 por cento das penas aplicadas e, em 2009, 38 por cento).

Em 2011 a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um total de 19.944 factos criminosos que se reflectiram em 8.192 processos de apoio relativos à problemática de violência doméstica. Segundo o relatório da APAV, a que a agência Lusa teve acesso, o autor do crime foi, em 83 por cento dos processos de apoio, do sexo masculino, e situava-se predominantemente na faixa etária entre os 35 e os 40 anos.

Capa **FLORBELA QUEIROZ** agredida física e psicologicamente pela

ESPANCADA com

Os papéis que foi fazendo ao longo da vida rechearam a sua carreira de sucessos. Florbela Queiroz é hoje uma mulher que marcou o teatro e a televisão em Portugal. O que deveria ser uma velhice calma e tranquila transformou-se numa "vida de inferno", como a classifica a atriz. Foi na noite de estreia da peça *Crise, Sexo e Facebook* que a TV 7 Dias se sentou no Teatro Boa Esperança, em Portimão, à conversa com esta senhora do teatro, de 69 anos, que já soma mais de meio século de carreira. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto e Florbela mostrava o ar cansado de quem sofre de violência doméstica, física e psicológica, há mais de um mês.

Foi há 17 anos que Florbela Queiroz se separou de Norberto de Sousa, de quem teve um filho, Manuel Queiroz,

A atriz sente-se PRISIONEIRA NA PRÓPRIA CASA E "PROIBIDA" DE SAIR DO QUARTO... que fecha à chave, com medo. O casal deita fora tudo o que é dela e até dos três cães já teve que desfazer-se. A Polícia e a APAV vão agir...

tinha lá o quarto dele e as rendas estão muito caras", revela Florbela, que se arrepende como de mais nada na vida da decisão que tomou. "Fiz muito mal, porque tenho tido muitos problemas. Ele é o meu único filho, eu sempre lhe dei tudo o que ele desejava. Fui eu que promovi este casamento, porque a miúda é brasileira e tinha mesmo que ir para a terra dela. Eu, estupidamente, disse-lhe: 'Casa, se gostas dela, casa!' Fiz-lhes o casamento, comprei tudo e ela parecia-me um amor de menina. Há um mês entrou na minha

não: a tragédia abateu-se sobre a atriz. "Sofro de maus-tratos psicológicos e físicos, o meu filho deixa que isso aconteça e até se ri. Neste momento, não estou segura na minha própria casa e estou a fazer o que é possível, juntamente com a Polícia e a APAV. Mas não vou sair da minha casa, porque há 47 anos que lá vivo. E ele também não sai porque tem 25 por cento da casa - por causa do divórcio, ele ficou com a parte do pai", revela Florbela Queiroz.

“A maior parte das agressões são com uma mangueira que está ao pé da piscina”

FLORBELA QUEIROZ (sobre a nora)

hoje com 34 anos. Desde a separação que a atriz vivia sozinha, na Rebelva, "só que o meu filho casou há três meses e eu, como tenho uma casa muito grande, com dez assoalhadas, um jardim e uma piscina, há um mês disse-lhe para ir viver comigo, até porque ele

casa e transformou-a num cenário de guerra."

Ao insistir neste casamento, Florbela pensava que ia ter uma vida tranquila, ao ver o seu filho com **MARILIA BARROS**, de 32 anos, a mulher de quem gostava há um ano. Mas



Já nem sai do quarto!

Para a atriz, ver o filho, que criou com tanto amor, não fazer nada em relação a este assunto é "uma grande dor no coração", porque Manuel - que é editor de imagem nos vários programas de Daniel de Oliveira, na SIC - "não me bate, as agressões são só psicológicas, mas deixa ela agredir-me. Tanto que dia 1 (n.r.: amanhã, quarta-feira), vou



Manhell gosta de  Gostar da Página · Encontrar mais Páginas


Manhell Queiroz


Pois é pessoal não é dia 1 de abril, casei-me ontem ao 12:00 com a menina mais linda do mundo e arredores, abraços a todos estou agradecido pelas msgs. breve ponho fotos abcs

Partilhar · 8/2 às 21:21 · 

 32 pessoas gostam disto.

 Ver todos os 25 comentários

 A grande Manel. Muitas felicidades aos pombinhos
13/2 às 17:07

 Parabéns Manelinho! Que sejam muito felizes, beijinhos....
15/2 às 19:39



As alianças trocadas entre Manuel e Marília: o post que colocou no Facebook no dia do casamento; **NORBERTO DE SOUSA**, que trabalhou na RTP; o casal,



nora... perante o riso do filho

EXCLUSIVO
TV 7 DIAS

mangueira

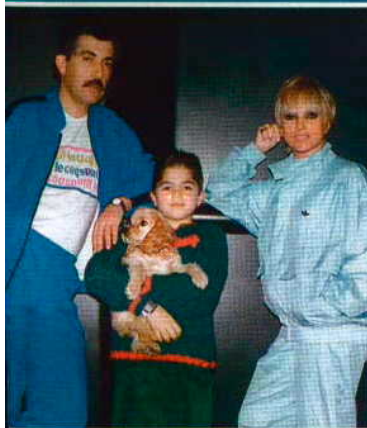
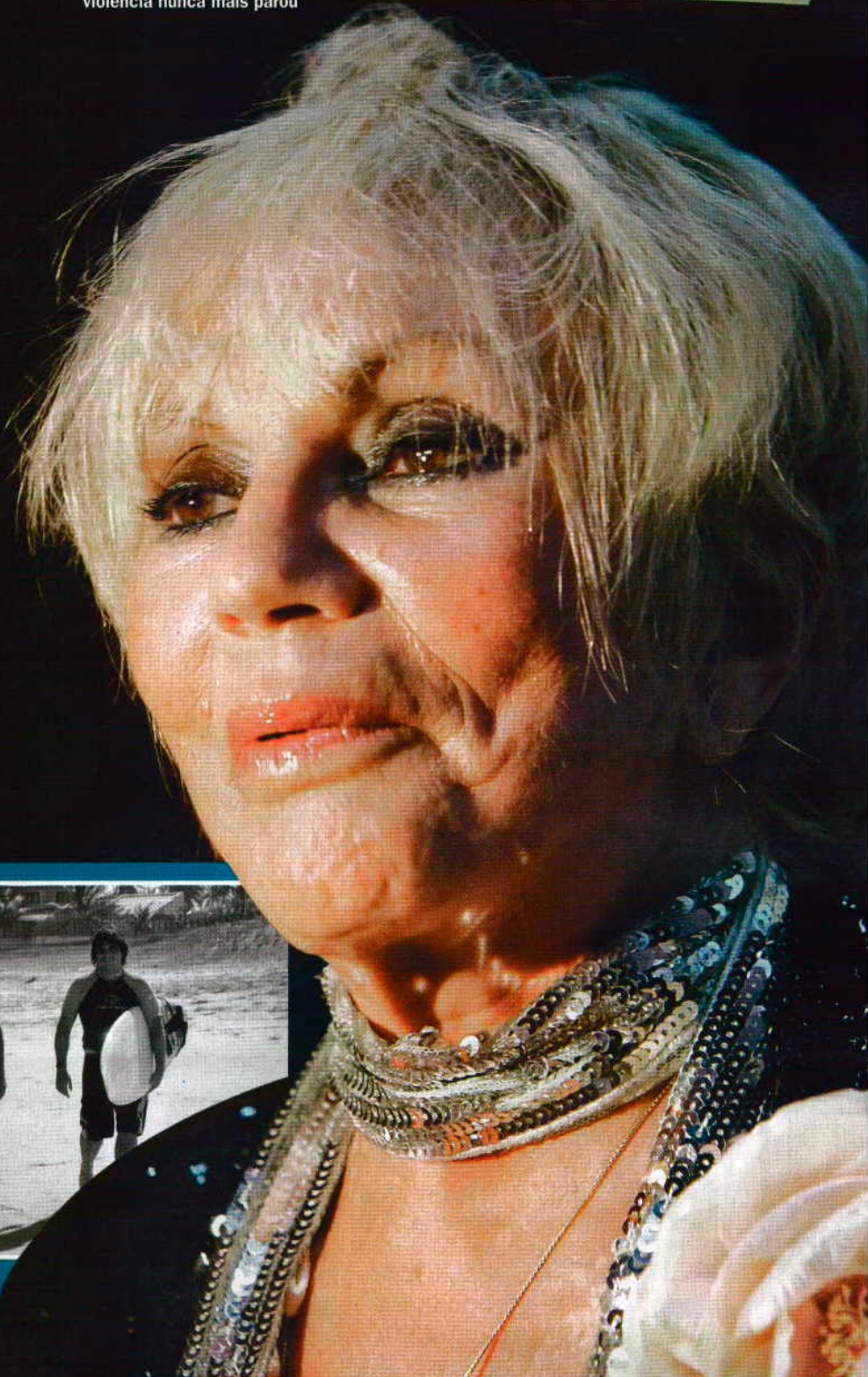
à Polícia Científica, porque isto não vai parar, não vou deixar. O meu filho está cego e eu não posso fazer nada. Ainda no outro dia ela disse: 'Estou grávida e agora a casa é minha e daqui não saio, minha velha nojenta.' E o meu filho ouviu", revela a quase septuagenária. "Noutra ocasião, disse: 'Oh velha, qualquer dia pomos-te no asilo.'"

Antes de tudo isto, Florbela adorava a nora, "porque ela não era nada assim, era adorável e tratava-me bem. Tanto que lhes fiz um casamento lindo pelo civil e ainda consegui que casassem com separação total de bens. Mas assim que lá entrou, ficou dona da minha casa e deitou tudo fora. Eu andei a salvar coisas e depois começaram as agressões. Eu nunca a provoquei, nunca! A única coisa que fiz foi um dia em que estava a apanhar sol e estava de boca aberta e ela veio e pôs-me a língua dela dentro da minha boca, eu assustei-me e mordi-a, instintivamente".

A revolta e a dor apoderam-se do coração da atriz, "porque dei ao meu filho tudo o que podia, nunca o deixei ter nenhum problema. Hoje, acho que fiz mal, porque o deveria ter deixado viver o bom e o mau, bater com a cabeça nas paredes para aprender por ele. Não o deveria ter protegido tanto e talvez hoje ele não deixasse que me

(Continua nas páginas seguintes)

MANUEL e MARILIA estão a viver há um mês com a atriz e desde então a violência nunca mais parou



quando estava junto, com o filho; **NORBERTO e MANUEL**



Capa

Na véspera de rumar ao Algarve... A NORA ATIROU-LHE



FLORBELA e o irmão, CARLOS QUEIROZ, que a apoia; em cena com MARISA CARVALHO e NUNO MIGUEL HENRIQUES; durante a peça Vai de E-mail a Pior

(Continuação das páginas anteriores)

fizessem uma coisa destas". As únicas pessoas que protegem Florbela Queiroz são o irmão, Carlos, também ele ator, e os vizinhos, "porque os meus sobrinhos estão no estrangeiro e estão ansiosos para vir a Portugal acertar contas com o primo".

As sequelas desta violência ainda não impediram Florbela de trabalhar, "só que na terça-feira, dia 24, antes de eu vir para o Algarve, ela atirou todo o meu material de trabalho para dentro da piscina: telemóvel, agenda, gravador, tudo o que eu tinha, até fiquei sem números de telefone. Depois, fui logo ter com o meu vizinho, que ainda conseguiu salvar-me o gravador. Passo os dias dentro do meu quarto e encomendo a comida, porque tenho medo de ir à cozinha e que ela me agrida. Durmo com a porta do quarto fechada à chave e nunca estou descansada, ainda por cima porque ela não trabalha e passa os dias em casa", conta, entre lágrimas.

Segundo a atriz, muitas têm sido as nódoas negras e "a Polícia até já fotografou os dedos dela marcados no meu pescoço. A maior parte das agressões

são com uma mangueira que está ao pé da piscina e que tem um chuveiro de aço. Ela bate-me nas pernas, nas costas, ou seja, onde me apanhar".

Até os cães foram fora!

Quanto ao ex-marido, Norberto de Sousa, pai de Manuel, encontra-se no Canadá e longe de tudo isto. "E, depois, só sabe o que filho lhe quer contar. Mas a vizinhança toda estima-me muito e sabe o que está a acontecer. Nunca tive problemas com ninguém ali, pelo contrário. O que me está a acontecer é trágico", desabafa.

“A Polícia até já fotografou os dedos dela [Marília] marcados no meu pescoço!”

FLORBELA QUEIROZ

Além dos maus-tratos físicos, que deixam marcas corporais profundas, "ainda me desmantelaram a casa toda. Hoje, entro na minha casa e não a conheço, porque a miúda diz que não quer uma casa velha e, então, quando não estou lá, deitam fora tudo o que é meu. E os vizinhos, como sabiam que eram coisas boas, iam lá buscar tudo",

conta, de novo lavada em lágrimas.

No que se refere às contas lá em casa, "ele paga dois terços e eu um de tudo". Os últimos cinco dias que esteve em Portimão foram a melhor coisa que aconteceu à atriz da peça de Nuno Miguel Henriques, porque esteve longe do inferno. Só que, no domingo, 29, o trabalho terminou: "Quando regressar a casa vai um rapaz aqui da produção levar-me as malas até ao meu quarto para que eu possa depois trancar a porta e assim ela não me fazer mal", diz a "prisoneira" na sua própria residência.

Outra mágoa que Florbela tem deve-se aos três cães que há muito tempo faziam parte da sua vida "e que eles tratavam mal. Não lhes davam de comer, por isso, os meus colegas aqui do teatro arranjaram três vivendas, em Torres Vedras, para onde foi cada um deles e onde eu posso ir cada vez que quiser vê-los", revela.

Para a veterana atriz, abandonar a sua casa está fora de questão, "nem que ela me mate". Apesar dos 56 anos de carreira, visto ter-se estreado aos 13, no Teatro Nacional Dona Maria II, Florbela conta que já viveu muito, mas que precisava de alguém que a amasse e tratasse bem: "Há 17 anos que me separei

“Velha guarda” PARADA

Após dez anos afastada do teatro, FLORBELA voltou há dois e desde então nunca mais parou, apesar de "haver muita gente que diz que já estou velha para trabalhar, mas o teatro é a única profissão do Mundo em que se pode morrer a trabalhar. O que é certo é que os atores de 40 anos fazem papéis dos de 60. E os de 60 estão parados", diz.





TUDO PARA A PISCINA!

EXCLUSIVO
TV 7 DIAS

MORRER NO TEATRO... nunca em casa!

Em maio do ano passado, **FLORBELA QUEIROZ** recebeu uma Medalha de Ouro da cidade de Lisboa, "quando estava a fazer a peça Vai de E-mail a Pior. O ano passado foi um ano de prémios, porque também ganhei as Máscaras de Ouro e o prémio Beatriz Costa. Mas eu não vivo para os prémios, queria era ter paz e sossego". Já com 56 anos de carreira, a atriz confessa que foram vividos "com alguns altos e baixos, estive algumas vezes sem trabalho. Depois, comecei a viajar e tirei cursos de reiki e tarot e quando voltei a Portugal, abri dois consultórios, que me permitem estar equilibrada mentalmente". Contudo, a sua paixão é o teatro, "que me está no sangue. Se não morrer no teatro, ao menos que seja na Casa do Artista. Porque na minha casa não me dava muito jeito, nestas circunstâncias..."

e nunca mais tive nenhum homem e, neste momento, gostava de ter um companheiro, alguém que me amasse e que gostasse daquilo que eu sou e que eu pudesse amar. Eu não queria ninguém que fosse rico, queria alguém que trabalhasse para si próprio e que me desse apoio. Queria um companheiro para passear e me proteger."

Apesar do que lhe está a acontecer, **FLORBELA** não deixa de trabalhar e de lutar para que este terror termine

"Isto pode acabar muito mal"

Quem mostra indignação pelo que está a acontecer é Carlos Queiroz, irmão da atriz, que afirma já ter tentado falar com o sobrinho para acabar com isto. "Tenho apoiado no que posso, porque isto são problemas familiares e eu só posso fazer o que está dentro da lei. Estou preocupado, porque a Florbela é uma senhora de 69 anos e isto tem um certo peso, ainda por cima na idade dela", revela o também ator.

Porém, infelizmente, "as pessoas são adultas e cada um tem a sua maneira de ver as coisas. Eu nunca vi nódoas negras que possam provar que foram causadas por agressões, isso vai ser a Polícia a analisar", continua. E acrescenta: "Mas já ouvi uma vez, ao telemóvel, num dia em que a Florbela estava aflita e me ligou, a Marília aos gritos e a dizer palavras que não têm qualquer razão de ser. Palavras provocadoras que não são necessárias."

Estas discussões e agressões não são só entre nora e sogra, pois um dia, no Teatro Maria Vitória, "ouvi uma conversa ao telefone, que estava em alta voz, entre a Florbela

(Continua na página seguinte)



Capa Irmão da atriz **INDIGNADO COM SOBRINHO**

(Continuação das páginas anteriores)

e a Marília, onde a Marília alegava que o Manuel lhe batia e que ele era um grande malandro quando estava com o álcool. E a Florbela disse-lhe que se ele fez isso era porque não estava consciente e que, se fosse preciso, a Marília ia lá para casa dela. Isto foi em dezembro, por isso, já nessa altura havia problemas".

O certo é que eles continuaram e Carlos, como já tinha percebido que o casal iria morar com Florbela, "disse-lhe para ela não fazer isso, porque não iria resultar. Se eles estavam a passar por dificuldades económicas, o Manuel que ganhasse dinheiro, que orientasse a sua vida. Sinceramente, esperava que ele fosse mais adulto. Acho que ele está a ser mal influenciado, porque se aquela convivência não está a resultar, ele deveria ser o primeiro a querer sair de casa da mãe".

A preocupação era notória na voz de Carlos, principalmente quando afirmou: "Isto pode acabar muito mal para ambas as partes. Sempre pensei que o Manuel, que eu tinha como o meu terceiro filho, fosse mais sensato. Eu não conhecia este lado dele, que apareceu num tão curto espaço de tempo. Ele assiste a tudo e não faz nada!"

No que se refere ao casamento entre Manuel e Marília, Carlos conta que foi tudo muito estranho: "Uma semana antes do casamento, eu estive a falar com o meu sobrinho e ele não me disse que estava a pensar casar, depois ligaram-se a perguntar se eu poderia ser padrinho, quando eu ia a caminho do Porto para um espetáculo, e disse-lhes que não. Nem fui ao casamento. Aliás, isto foi um casamento arranjado para essa senhora ficar em Portugal." ■

EXCLUSIVO
TV 7 DIAS



Mãe e filho num evento, no tempo em que ainda tudo corria pelo melhor



PEÇA NO ALGARVE e pelo País

Há cerca de dois meses, a atriz abandonou o Parque Mayer e dedicou-se à peça *Crise, Sexo e Facebook*, onde desempenha um papel que faz rir o público, minuto a minuto. Ao longo de vários meses, esta peça vai estar em cena pelo País. "Esta peça é feita com um humor inteligente e sofisticado", conta **FLORBELA**. Ao lado de **NUNO MIGUEL HENRIQUES**, Marisa Carvalho e Tito Pinto, Florbela vai no próximo dia 11 de agosto atuar em Ferragudo, no Algarve. "Pela crise passa o País todo, pelo sexo nem por isso", declara, em jeito de brincadeira.